

# ASSASSINOS POR NATUREZA

**Samanta Obadia**

**Filósofa e educadora brasileira**

[samobadia@terra.com.br](mailto:samobadia@terra.com.br)

## Sumário

“A *Violência* [...] não pode definir-se sem relação com as leis que ela viola (leis humanas ou naturais). *Representa a suspensão dessas leis, a ‘vacância da legalidade’*. Ao contrário, a opressão pode ser institucional.”<sup>1</sup>

“Princípios práticos são proposições que encerram uma determinação geral da vontade, à qual estão subordinadas várias regras práticas. São subjetivos e formam máximas quando a condição é considerada pelo sujeito como válida somente para sua vontade; mas são objetivos e fornecem *leis* práticas, quando a condição é reconhecida como objetiva, isto é, como válida para a vontade de qualquer ser racional.”<sup>2</sup>

Violência e lei, opostos necessários. Movimento heraclítico<sup>3</sup>, onde a lei nos domina violentamente enquanto a violência agride (e transgride) o discurso legal. E como uma mesma coisa, elas coabitam em nós, humanos, a

---

<sup>1</sup> Sartre, J. P. , Cadernos para uma Moral, p.579, Ed. Gallimard. O grifo é meu.

<sup>2</sup> Kant, I. Crítica da Razão Prática, edições 70, 1986. O grifo é meu.

<sup>3</sup> Heráclito de Éfeso (540-480 a. C.)

lei e a violência. Onde “o caminho a subir e a descer é um e o mesmo”<sup>4</sup>, de forma que não é possível impedir esse movimento.

O homem, este ser definido como um animal político por Aristóteles<sup>5</sup> e

Marx <sup>6</sup>, é um ser que se diferencia por estar algemado ao tempo, ao espaço e às suas representações.

Como falar da violência presente no ser humano sem falar das prisões que o ameaçam, dos limites que lhe são impostos pelo macrocosmos e pelo microcosmos ? Como citar a lei criada por esse homem sem deparar-se com as pulsões<sup>7</sup> que “explodem” nesse corpo que “respira” desejo ? O qual, segundo Sartre, é “por natureza fuga de si na direção do objeto desejado[...]. O desejo é falta de ser; é perseguido no seu ser mais íntimo pelo ser do qual é desejo.”<sup>8</sup>

Na trajetória deste ensaio pretendo discursar sobre a natureza violenta do humano que é lançado como projétil num mundo sem sentido<sup>9</sup> e que busca dar direção e fim à sua existência como se isso o levasse a algum

---

<sup>4</sup> Hipólito fragmento 60, sobre a unidade essencial dos contrários, ref. IX, 10, in Os Filósofos Pré-Socráticos, G.S.Kirk & J.E. Raven,1966.

<sup>5</sup> Política, livro 1, p.40, Nathan.

<sup>6</sup> “O homem é, no sentido mais literal, um zoon politikon, [ animal social, em grego] não apenas um animal sociável mas um animal que só pode isolar-se na sociedade”. Contribuição à Crítica da Economia Política, p.150, Éditions Sociales.

<sup>7</sup> “Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta.” In Vocabulário da Psicanálise, Laplanche & Pontalis, ed. Martins fontes,1995.

<sup>8</sup> Sartre, J. P. O Ser e o Nada, 2ª. parte, cap.1, p.126, Ed. Gallimard.

<sup>9</sup> “O homem nada mais é do que seu projeto, só existe na medida em que se realiza, nada mais é, pois, do que o conjunto de seus atos, nada mais do que sua vida.”, in Sartre, J. P., O Existencialismo é um Humanismo, Ed. Presença, 1970.

lugar. Contudo Aristóteles nos diz que tudo o que se desvia do caminho marcado é violência<sup>10</sup>. E eu me pergunto, há um caminho marcado ?

## **Caminho percorrido**

Aceitar a natureza violenta do ser humano não foi uma tarefa fácil para nenhum pensador, nem mesmo para Freud. Não é agradável conceber a nossa própria espécie como tendo uma origem agressiva, afinal nossa vaidade nos leva a crer em um suave exemplar humano estereotipado, e não em uma agressividade que dá singularidade, enquanto cria diferenças entre os mesmos de uma espécie. Antes de tudo, o ser humano é um animal que fala, isto é, que está inserido numa rede de significantes, dentro de um campo simbólico, sendo assim possuidor de um aparelho de linguagem. Esse sujeito não é um simples receptor de um mundo externo que se coloca diante dele, mas sim um sujeito que representa o seu mundo interno e

---

<sup>10</sup> Ética a Nicômaco, in Os Pensadores, ed. Abril Cultural, 1973.

externo, conferindo a estes significados únicos de acordo com as suas representações anteriores. Frente a esse movimento, temos um sujeito ligado ao tempo e ao espaço que o destinam enquanto um ser para a morte. Não apenas para a morte enquanto fim de sua existência, mas para a morte de seus desejos, perante a busca do bem e do amor do outro. Tempo que deixa marcas em seu corpo e em sua mente, que lhe gasta, e que lhe permite amadurecer. Espaço que lhe corrói com suas realidades dolorosas. Violentas algemas que o encaminham para seu trágico fim.

Possuidor de uma agressividade inata que lhe impulsiona à vida, este homem faz-se sujeito através de interdições necessárias para que seja possível a vivência social, onde seus desejos devem ser domesticados para que não ultrapassem os limites do outro, isto é, para não “ferir” o outro. Autodomínio doloroso que ao desejar o aniquilamento alheio, acaba por aniquilar a si próprio, matando os seus desejos. Domesticar essas feras em jaulas, com chicotes que, na maioria das vezes, são manipulados pelas próprias feras, não é uma tarefa fácil. Como conter forças não-domesticáveis, que situam-se fora do âmbito do discurso, que escapam às jaulas, driblam os chicotes e debocham de nossas leis (e culpas), violentamente ? Esse transbordamento que nos escapa, age de forma tão singular e única que não podemos decifrá-lo ou enquadrá-lo em uma teoria. Sabemos da sua existência ao nos depararmos com sua forte presença nos loucos, nas crianças, nos heróis, nos perversos, nos psicóticos, nos artistas, nos fanáticos. E no entanto, dizer que essas pessoas devem atingir um determinado equilíbrio, enquadrá-las enquanto “anormais” pode ser uma visão reduzida à idéia de que há um caminho traçado, um destino a ser

cumprido. São estes gênios do mal que encaram de frente suas pulsões, permitindo-se romper leis e experimentar a agressividade que os habita, sem o temor da culpa que os acompanha. Não faço aqui nenhuma apologia à violência, visto que estamos lidando com a natureza paradoxal do ser humano, que busca descarregar as suas pulsões ao mesmo tempo em que deseja ser aceito e amado pelo outro, que lhe dita as leis.

## **Ser humano - um animal que fala**

O ser humano é diferenciado dos outros animais pelo ato da fala<sup>11</sup>. E são muitos os pensadores que se ocuparam com esta questão. Percorri, adiante, alguns dos quais elegi como relevantes para o decorrer desta exposição.

---

<sup>11</sup> Thomas Hobbes (1588-1679) descreve o homem como um ser dotado de fala, a qual se estabelece como norma e regra do verdadeiro e do falso. Ou seja, só há verdade e falsidade onde há fala e esta é a função da linguagem, in *Leviatã*, 1651.

A linguagem humana apresenta-se sob a forma de fala e de pensamento. Ela é simbólica. Daí sua complexidade. No entanto, isso não foi pensado assim desde o início das investigações filosóficas.

O interesse pela linguagem na filosofia clássica concentrou-se principalmente na relação entre a linguagem e a realidade, isto é, no como a primeira poderia dar-nos a conhecer a segunda, visto que dava-se maior relevância à ontologia. Os sofistas estudavam a linguagem a fim de dominar o principal objeto de seu instrumento de trabalho, a arte da retórica. Junto a isso, defendiam a concepção de verdade relativa, de maneira que a retórica servia de meio para convencer o povo da idéia que se desejava eleita. Platão (428-348 a. C.) discordava deste tipo de consenso adquirido, classificando-o como falso, por ser uma indução dos sofistas através do discurso. É certo que o interesse de Platão não era exatamente a linguagem, mas a concepção de verdade que esta implicava. Para este, a verdade era única e o acesso ao conhecimento real não poderia ser decidido por um consenso, realizando-se somente no contato direto com a essência das coisas (de natureza simples) incognoscíveis pela complexidade do discurso.

Em seu diálogo *Crátilo*, Platão rejeitará a tese naturalista, a qual defende a idéia de que os nomes refletem a natureza do real enquanto possibilidade única de conhecimento humano. Para ele, a imagem da coisa (representação) está entre o ser humano e a realidade, daí a impossibilidade de conhecer diretamente a coisa simples. A partir desse momento, surge a noção de convenção aplicada à nomeação enquanto resultado de um consenso, pois que, para que esta ocorra é necessário um pré-conhecimento da coisa. Desta forma, o nome não pode revelar a natureza da coisa simples,

por não dar conta de sua essência, nem da estabilidade do conhecimento (o que implica num relativismo epistemológico e ontológico). Sendo então impossível alcançar o conhecimento do real através dos nomes, da linguagem.

[Aparece a noção de pensamento não discursivo (*nous*) da necessidade de ter o conhecimento como certeza absoluta, a fim de resolver o problema da linguagem. Aristóteles (384-322 a. C.) concordava com Platão quanto ao fato de que o falso viria da inadequação realizada pelo pensamento discursivo sem correspondência com o real. O *nous* não correria esse perigo por ter a posse da verdade, e por fazer parte do intelecto que capta o real diretamente, enquanto o discurso permanece no domínio do sensível.]

A idéia na filosofia platônica era tida como algo presente na mente, independente da existência dos homens; na Idade Média, a idéia era vista como algo presente na mente de Deus (o ser perfeito). Mais adiante, Descartes (1596-1650) rompe com estas noções da idéia, a fim de explicitar a relação desta com o real no problema do conhecimento, influenciando vários pensadores posteriores na questão da linguagem. Ele define a idéia como uma entidade mental e psicológica pertencente à consciência individual do sujeito, que tem como função a representação do real. E é através da idéia que a coisa tornar-se-ia presente à mente.

Adiante, John Locke (1632-1704) introduz a idéia de que o real é aquilo que representamos em nossa mente, é uma representação uniforme da realidade objetiva (objeto). De forma que as idéias são signos das coisas e as palavras signos das idéias, isto é, o significado de uma palavra corresponde à idéia que ela expressa do objeto. A palavra é um significado convencional, e percebemos isso na variedade das línguas quanto à designação de um mesmo objeto.

Sabendo que o empirismo e o racionalismo possuem teorias do conhecimento radicalmente diferentes, vimos que os empiristas definem as idéias como originárias da experiência sensível, enquanto os racionalistas as definem como entidades da razão; quanto à questão da linguagem, ambas as visões são análogas, no sentido de que pouco importando a natureza das idéias, a linguagem é sempre por sua vez um reflexo destas, e sua relação com o real, com os objetos a que se refere, é sempre mediada por idéias na mente dos indivíduos.

A filosofia da linguagem a partir do pensamento kantiano sobre a consciência, sofreu uma mudança decisiva em sua evolução. Na *Crítica da Razão Pura*, mais precisamente na *Analítica transcendental* encontramos a teoria kantiana do juízo, em que ao argumentar contra a teoria tradicional das idéias, Kant defende a concepção de que os juízos não são formados a partir de constituintes previamente dados (as idéias) mas possuem uma unidade transcendental originária, a partir da qual podem ser derivados os conceitos. O argumento kantiano é voltado contra a lógica tradicional do sujeito e do predicado, na qual um juízo é formado por um processo de agregação de conceitos constituintes, previamente dados. Logo, os conceitos não podem ser apenas o produto da abstração a partir da experiência sensível.

Frege inaugura, influenciado pelo pensamento kantiano, a discussão lógica da linguagem a partir do lugar da palavra no sistema de um cálculo formal. A linguagem deixa de ser tratada como expressão da atividade mental que lhe precede, passando a ser considerada como estrutura lógica autônoma e objetiva. A linguagem passará a adquirir importância e

autonomia na medida em que se começa a separar o significado da representação, revelando a importância da linguagem enquanto produtora de realidade e não como simples ato de constatação.

Esta concepção de idéia na filosofia moderna trouxe consigo a noção de representação, a qual conseqüentemente tornou-se tão básica quanto à noção de idéia para a questão pensamento-linguagem-realidade.

A representação é o tornar a coisa presente (à mente). Não significa colocar a coisa na mente, mas a idéia da coisa na mente. Ela não é arbitrária e sua natureza é mental. E é mais uma particularidade humana, onde o ser humano interage com o objeto, representando-o em sua mente. Plutarco define: “A representação é uma afecção [...] que se produz no interior da alma e exprime, ao mesmo tempo, ela mesma e o que provocou.”<sup>12</sup>, enquanto Diógenes Laércio diz que “a representação é uma marca na alma, metáfora tomada de empréstimo justamente das marcas que um anel produz na cera.”<sup>13</sup> Ora, essas concepções deixam mais clara a idéia de *Vorstellung*<sup>14</sup> utilizada por Freud quando este fala sobre o mecanismo do aparelho psíquico, visto que a representação é uma “marca” pessoal e intransferível do sujeito que percebe o mundo de acordo com as suas formações mentais e com a sua história de vida. O homem não tem acesso à coisa em si, mas à representação através do(s) significado(s) que lhe confere. A representação consiste em nomear este objeto encontrado por este ser da linguagem que, dirigido pela

---

<sup>12</sup> Vidas e Opiniões dos filósofos, in Les Stóiciens, p.15, ed. Gallimard.

<sup>13</sup> Idem, p.31.

<sup>14</sup> Termo usado pela filosofia clássica alemã, que significa representação, apresentação, idéia. In Vocabulário da Psicanálise, Laplanche & Pontalis, ed. Martins Fontes, 1995.

libido<sup>15</sup>, busca descarregá-la para gerar prazer.<sup>16</sup>

A filosofia não deu conta desta questão, tentando em vão solucionar a tensão existente entre a coisa e a idéia. Contudo, Freud, ao repensar o aparelho da linguagem, estabelece uma visão inovadora do estatuto da palavra e do falar,<sup>17</sup> visto que este aparelho só se constitui na relação com outro aparelho de linguagem, onde “o falar, antes de ser o verbalizar de signos, é ingressar numa ação que inclui um dispêndio de energia, uma descarga. (...) é, pois, afetar e ser afetado.(...) É uma ação instauradora de um acontecer.”<sup>18</sup> Este “falar implica uma perda de controle sobre o premeditado pela consciência. É nessa ausência de controle que a linguagem simbólica é perfurada pela linguagem assimbólica.” Ou seja, o ser humano, enquanto animal falante está condenado a revelar-se na ação deste falar: no lapso, no ato falho, no chiste, no sonho. É através do inesperado que o homem ingressa no estranhamento de si, onde se depara com a sua terceira ferida narcísica (aberta por Freud), quando percebe que “o ego não é o senhor de sua própria casa”,<sup>19</sup> sendo impulsionado por uma força que lhe escapa ao controle (o inconsciente).

---

<sup>15</sup> “Libido é um termo tomado de empréstimo à teoria da afetividade. Designamos assim a energia (considerada como uma grandeza quantitativa, mas não ainda , mensurável) das tendências que se vinculam ao que resumimos na palavra *amor*”. , in *Psicologia das massas e Análise do eu*, Sigmund Freud, Vol. XVIII, ed. Imago, 1969.

<sup>16</sup> “O prazer está em relação com a diminuição, a atenuação ou a extinção das massas de excitação acumuladas no aparelho psíquico”, in *Introdução à Psicanálise*, 3ª. parte, p.383, Bibliothèque Scientifique, Payot.

<sup>17</sup> Freud, S. *A Interpretação das Afasias: Um estudo crítico*. Lisboa, Portugal, 1891.

<sup>18</sup> Bohadana, E. “Psicanálise e Tragédia: a Im-pulsão da palavra”, in *Freud : O Interesse Científico de uma Filosofia Inquieta*. Org. Sérgio Sklar, Ed.Revinter, 1996.

<sup>19</sup> Freud, S. *Uma Dificuldade da Psicanálise*, Obras Completas, Vol. VII.

“Freud indica a “suficiência” da palavra, uma vez que a utiliza não para dizer realidades, mas para fundar realidades. Sob essa perspectiva, o ato de falar, antes de ser uma ação reveladora da dimensão humana - do culturalizado ou simbolizado - desvela os anseios não domesticáveis do homem.”<sup>20</sup>

## O Sujeito e suas representações

Existem diversas concepções de sujeito ao longo da história do pensamento. Contudo, veremos inicialmente, a diferença entre o sujeito das representações, definido por Descartes, e o sujeito metafísico descrito por Wittgenstein (o qual pode ser comparado ao sujeito transcendental de Kant<sup>21</sup>) a fim de esclarecer a relação do sujeito com a linguagem. Admitir a existência de um sujeito das representações seria o mesmo que aceitar um sujeito capaz de determinar o mundo de acordo com a sua vontade<sup>22</sup>, e essa unicidade (do sujeito) não é real. O sujeito aqui exposto não é um simples garantidor da representação de algo, preso à relação com o objeto que representa, mas sim um sujeito que tem a possibilidade do próprio discurso, um eu que dá forma à experiência, sem estar preso a esta.

Wittgenstein recorre à tese solipsista para falar desse sujeito que afirma que “o mundo é o meu mundo”, a partir de uma visão única,

---

<sup>20</sup> Bohadana, E. “Psicanálise e Tragédia : a Im-pulsão da Palavra”, in Freud: O Interesse Científico de uma Filosofia Inquieta. Org. Sérgio Sklar, Ed. Revinter, 1996.

<sup>21</sup> Immanuel Kant , filósofo alemão, 1724-1804.

<sup>22</sup> Referência óbvia à Schopenhauer.

reduzida ao seu mundo individual.<sup>23</sup> Este filósofo concorda com o solipsismo<sup>24</sup>, ressaltando a identificação deste com o realismo.<sup>25</sup> “Por aqui se vê que o solipsismo, levado às últimas conseqüências, coincide com o realismo puro. O eu do solipsismo reduz-se a um ponto sem extensão, a realidade permanecendo coordenada a ele”. Analisando os aforismos 5.6<sup>26</sup>: “os limites de minha linguagem denotam os limites do meu mundo” e 5.631: “o sujeito representante e pensante não existe” chegamos ao argumento padrão de Hume, da não-encontrabilidade do sujeito na experiência, onde esta não-encontrabilidade do eu torna-se uma essência e não uma contingência. Hume se questiona quanto à existência do sujeito na experiência, e Wittgenstein afirma não haver sentido nesta questão pois “o eu não é um objeto. O eu objetivamente confronta todo objeto. Mas não o eu”.<sup>27</sup> O eu não é confrontável. O sujeito do conhecimento é ilusório, ele não existe. Ele é uma condição da própria linguagem, sendo o limite e não uma parte do mundo.<sup>28</sup>

O pensamento é uma forma de linguagem. É simbólico. O sujeito não é uma unidade, uma alma, ele é um complexo de “constituintes

---

<sup>23</sup> “Por aqui se vê que o solipsismo, levado às últimas conseqüências, coincide com o realismo puro. O eu do solipsismo reduz-se a um ponto sem extensão, a realidade permanecendo coordenada a ele.”, fragmento 5.64, Wittgenstein, L. in *Tractatus Logico-Philosophicus*, Routledge & Kegan Paul, Humanities Press, 1963.

<sup>24</sup> Wittgenstein, L. fragmento 5.62, in *Carnets 1914-1916*. Ed. Gallimard, 1971.

<sup>25</sup> Idem, frag.5.64.

<sup>26</sup> ibidem.

<sup>27</sup> Ibidem, p.149.

<sup>28</sup> ibidem, frag. 5.641. Seguindo a este, está a tese da extensionalidade discutida por Wittgenstein e exposta por Hacker. A qual está ligada ao tema da linguagem e ao sujeito das atitudes proposicionais. Ex.: S acredita que p, donde S é o sujeito das atitudes proposicionais e p é a proposição. A utilização de termos intencionais (acredita que, pensa que) cria um contexto opaco. São colorações da psicologia empírica, afirma Wittgenstein. Para que a tese da extensionalidade seja satisfeita é preciso que seja preservado o valor de verdade e o sentido das proposições, daí a importância da dissolução do sujeito das atitudes proposicionais.

físicos” dentro da cabeça do pensante. E esse complexo relaciona-se com os fatos, com o estado de coisas. Pois só é possível relacionar um complexo com outro igual. É o sujeito que afirma “o mundo é o meu mundo”<sup>29</sup>, que nos aparece como limite deste mundo. Aqui o relacionamos com a tese central de Schopenhauer da dualidade do mundo, onde vemos um sujeito enquanto suporte do mundo, como pura vontade de sua realidade fenomênica. “O mundo é além da representação (...) o mundo como representação, no todo ou em suas partes, a objetividade da vontade, quer dizer: a vontade tornada objeto, isto é, representação.”<sup>30</sup> A vontade está presente no ser humano, ela é da natureza do mundo. E o sujeito portador da vontade é o suporte necessário do mundo enquanto sujeito conhecedor, isto é, como sujeito da representação.

Em Wittgenstein vemos a vontade como portadora da liberdade, isto é, dela não depende o conhecimento das ações futuras<sup>31</sup>. O mundo é independente da vontade do sujeito<sup>32</sup>. Schopenhauer, lembra Hacker, compara o microcosmos com o macrocosmos e esta relação é fundamental dentro da filosofia de Wittgenstein. Hacker aponta três chaves em Wittgenstein para a interpretação da doutrina solipsista:

1<sup>a</sup>. chave: Wittgenstein diz que o solipsismo está certo no que diz, ainda que não possa dizê-lo. O macrocosmos é uma forma determinada (através do espaço visual) pelo microcosmos. “O mundo tal como o sujeito vê” é a idéia do próprio limite. Surge, nessa doutrina, a noção do sujeito

---

<sup>29</sup> Ibidem, frag. 5.641.

<sup>30</sup> Schopenhauer, A. O Mundo como vontade e representação. Ed. Rés.

<sup>31</sup> Wittgenstein, L. frag. 5.1362, in Carnets 1914-1916.

<sup>32</sup> Idem, frag. 6.373.

como limite do mundo. Os limites do mundo estão ligados aos limites da minha linguagem (a única que eu posso compreender) e à lógica. Para Wittgenstein, a tese solipsista é o inexprimível do impensável.

2<sup>a</sup>. chave: “Existe somente uma alma do mundo que eu chamo de minha alma.”<sup>33</sup>

3<sup>a</sup>. chave: “O mundo e a vida são um só.”<sup>34</sup> A identificação do mundo com a vida enquanto consciência individual e única da minha vida.<sup>35</sup> “Eu sou o recipiente da vida.”<sup>36</sup> Aqui percebemos a clara influência de Schopenhauer no pensamento de Wittgenstein sobre o mundo e o eu.

Wittgenstein esvazia o solipsismo ao dizer que ele não pode incluir no âmbito discursivo aquilo que é a sua tese. O que o solipsismo pode falar coincide com a realidade. O eu é o que garante o solipsismo, daí sua identificação com o realismo. A linguagem que eu entendo, afirma o filósofo, são os resultados da minha projeção. Eu só posso projetar aquilo que eu posso pensar e conseqüentemente, o que posso falar, passando assim pela minha linguagem.<sup>37</sup> O que se pode falar é a realidade. É a linguagem que espelha a estrutura do real. Depende da minha vontade a atribuição de formas sintáticas (conteúdo) à realidade. O princípio semântico consiste na transformação do signo proposicional em símbolo e isso depende da minha

---

<sup>33</sup> ibidem.

<sup>34</sup> Ibidem (01/08/1916 e 02/08/1916).

<sup>35</sup> Hacker, P. *Insight and Ilusion*, Clarendon Press. Oxford, 1986, p.92.

<sup>36</sup> Wittgenstein, L. *Carnets 1914-1916*.

<sup>37</sup> Para que o signo proposicional torne-se uma proposição é preciso associá-lo à realidade (aos elementos), fazendo assim uma projeção. Para que isso seja linguagem eu preciso dar sentido a esse arranjo de elementos, isto é, eu preciso projetá-los sobre a realidade.

vontade. “Se a vontade não existisse, não haveria este centro do mundo, o qual nós chamamos de eu.”<sup>38</sup>

O sujeito metafísico é aquele que pensa o método de projeção, dando com sua vontade sentido às coisas de tal forma a não ser capturado pelas imagens que cria. Ele é um sujeito externo a essa relação, é um pressuposto da linguagem, visto que é ele quem permite essa comparação da linguagem com a realidade.<sup>39</sup> Por isso, Wittgenstein afirma que tudo o que eu represento pode sê-lo de outra forma, posto que os conteúdos de nossas representações são contingentes.<sup>40</sup>

“O sujeito não é parte do mundo, mas uma pressuposição da sua existência.”<sup>41</sup> “É o suporte do mundo.”<sup>42</sup> É um eu que não se encontra no mundo, mas que se reduz a um “ponto sem extensão”<sup>43</sup> frente ao mundo. “O sujeito não pertence ao mundo. Ele é o limite do mundo.”<sup>44</sup> Vejamos o exemplo do pintor que retrata a si próprio. Algumas partes de seu corpo ele deixará de fora da tela por não poder vê-las. Do mesmo modo, o eu escapa à relação de representação. Há um ponto cego<sup>45</sup> que Schopenhauer chama de “o ponto escuro na consciência, tal qual na retina há o preciso ponto de entrada do nervo ótico, também cego. O olho vê tudo, menos a ele

---

<sup>38</sup> Wittgenstein, L. frag. 5.633, in Carnets 1914-1916.

<sup>39</sup> idem, frag. 5.62, 5.633.

<sup>40</sup> idem, frag. 5.634.

<sup>41</sup> Hacker, P. *Insight and Ilusion*. Clarendon Press. Oxford, 1986, p.88.

<sup>42</sup> Schopenhauer, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Ed. Rés.

<sup>43</sup> Wittgenstein, L. frag. 5.64, in Carnets 1914-1916.

<sup>44</sup> Idem, frag.5.632.

<sup>45</sup> ibidem, frag. 5.633.

mesmo.”<sup>46</sup>Esta metáfora é usada por Wittgenstein quando este fala da relação linguagem e realidade<sup>47</sup>, na qual o sujeito metafísico é essencial.

Em Freud nos deparamos com um indivíduo que vai além do sujeito metafísico de Wittgenstein, por ser portador de um aparelho psíquico, com um sistema inconsciente que não se limita à concepção de linguagem descrita por este último, pois apresenta algo de irrepresentável, indo além do que se deve ou não falar, visto que independente de sua vontade o ato da fala é instaurado. E onde o impensável é expresso, e o que se fala nem sempre é o “real”. Esse sujeito que representa o seu mundo, procura estabelecer limites a si mesmo. É um ser que pertence a uma horda, e que nascido de um reino pulsional é obrigado à linguagem, para então tomar parte de um rebanho (assujeitando-se),<sup>48</sup> seguindo normas e regras de um grupo social. Porém, há algo nessa construção que lhe escapa ao controle, que é imprevisível, que o impede de saber o todo de si mesmo, e que o mantém no hiato existente entre seus desejos pulsionais e seu consciente. E é aí que a psicanálise criada por Freud toca, no escuro do homem, no inconsciente.

## **O tempo e o espaço fragmentando ...**

---

<sup>46</sup> Schopenhauer, <sup>a</sup> O Mundo como Vontade e Representação. Ed. Rés.

<sup>47</sup> Wittgenstein, L. Cadernos 1914-1916, p.95.

<sup>48</sup> “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, in Freud, S. Obras Completas, vol. XVIII, Ed. Imago.

“O tempo...horas de horror e tédio da memória”  
Manuel Bandeira, in Estrela da Vida inteira, p.41

Em latim, *tempus* significa a divisão da duração, o momento, o instante. Em grego, significa estender, prolongar (sentido escoativo) e cortar (instantes). Na língua portuguesa, significa mudança contínua e irreversível, que torna o presente em passado. Em filosofia: Platão definia o tempo como imitação móvel da eternidade; Aristóteles, enquanto movimento contínuo; Leibniz, como uma ordem de sucessões, um tempo relativo; Descartes introduz o conceito de subjetividade ao tempo; Kant o define como uma forma de organizar a nossa sensibilidade (mudança e movimento), como parte do sistema consciente do homem, onde se dá a percepção. Por fim, Husserl, na fenomenologia, diz que o tempo é imanente ao curso da consciência, a qual aparece como marca distintiva do humano, relacionando o aprendizado com o fluxo contínuo do tempo, onde este homem projeta no futuro o que assimilou no passado.

Na física clássica, o tempo é um conceito abstrato que mede a distância entre um ponto e outro, relacionando-se com o espaço. Estas formas de delimitação destes intervalos variam de acordo com cada cultura. Nós, ocidentais, usamos uma convenção cronológica. Palavra que nos remete à Chronos, que significa Tempo na mitologia grega. “Cronos, o mais jovem dos Titãs, filho de Urano, encerra a primeira geração dos deuses cortando fora os testículos do pai. Para não ser destronado por causa da progenidade, segundo a predição de seus pais, devora os próprios filhos logo

que nascem. Réia, sua irmã e esposa, foge para creta a fim de dar à luz Zeus. E em lugar do menino, dá a Cronos, para comer, uma pedra. Adulto, Zeus ministra a Cronos uma droga que o faz vomitar todos os filhos que engolira. Com o auxílio deles, Zeus acorrenta Cronos, mutila-o, e abre a era da segunda geração dos deuses.

“Cronos é muitas vezes confundido com o Tempo (Chronos), do qual se tornou a personificação para os intérpretes antigos da mitologia. Como tantas vezes acontece, tais interpretações, se bem que fundadas num jogo de palavras, exprimem assim mesmo uma parte de verdade. Cronos, mesmo que não seja identificado a Chronos, tem o mesmo papel do tempo: devora, tanto quanto engendra; destrói suas próprias criações; estanca as fontes de vida, mutilando Urano, e se faz fonte ele mesmo, fecundando Réia. Simboliza a **fome devoradora da vida**. O *desejo insaciável*. Muito mais que isso: com ele começa o sentimento de duração e, mais especificamente, *o sentimento de uma duração que se esgota, i.e., que extravasa e passa entre a excitação e a satisfação*.”<sup>49</sup>

Einstein remonta Descartes quando fala do tempo vivido, onde a duração temporal é relativa ao observador. Contemporaneamente, Stephen Hawking vê o tempo como algo que vai na direção da entropia do universo, isto é, na medida em que as coisas se desintegram nós percebemos o tempo.

Para Sigmund Freud, o tempo não é único, não é sistematizado. É uma mistura que ocorre de diferentes maneiras dentro do aparelho psíquico. A percepção se dá por intermitências, ou seja, “flashes” (medidas de proteção para não sobrecarregar o aparelho psíquico) de forma que o

---

<sup>49</sup> Chevalier, J. & Gheerbrant, A. , Dicionário de Símbolos. Ed. José Olympio, 6ª. edição,1982.

consciente conhece através da percepção, a qual permite “lacunas” (de nada), possibilitando a emergência do inconsciente, do imprevisível. Essa não excitabilidade periódica produz uma descontinuidade que nos possibilita uma classificação e a formação da idéia de tempo. Já no inconsciente, o tempo é abordado de uma maneira negativa, a fim de distanciá-lo do modo como funciona no pré-consciente/consciente. Freud afirma a atemporalidade do inconsciente. Mas será que não poderíamos pensar, simplesmente, em uma temporalidade diversa (do pré-consciente e do consciente)?

O inconsciente está ligado primordialmente à indestrutibilidade do desejo, e como está implícito nesta colocação, o que é indestrutível não está sujeito às ações do tempo. Ele não se desgasta, não sofre mudanças. No entanto, o inconsciente não está totalmente ausente da noção de tempo, pois ele tem um processo, onde as representações se deslocam, se condensam, se associam. Ele tem as suas próprias leis, e suas operações seguem uma ordem irregular, mas com relação a algum tempo.

Existe o tempo de nascer, o tempo de crescer, o tempo de morrer. E é neste tempo em que o homem tenta não estar incluso que ele se encontra dependente, preso. O tempo que exige ao bebê humano maturidade para sugar o seio, para desenvolver-se adequadamente e para futuramente formar seu aparelho psíquico. Tempo estratificado na memória que “escolhe” o que lembrar, que transforma tempos passados em tempos mortos, que elege alguns tempos dolorosos em tempos esquecidos. E há, ainda, o tempo do indivíduo e o tempo do sujeito, o tempo das pulsões e o tempo social, que buscam conviver juntos dentro de um mesmo espaço, de um mesmo ser. O

tempo de ver o tempo passando, de ver o tempo cortado, o tempo perdido, o tempo acabado. O tempo do fim.

Esse tempo que se faz e que é feito pelo humano liga-se a um espaço, a um *locus*, a um corpo. Um corpo, que semelhante em suas funções, iguala os seres chamados humanos, ainda que nos surpreenda em sua singularidade. Um espaço que se divide em um tempo, que envelhece e que fragmenta-se diante da dor e da morte que lhe aguarda. Um espaço lançado à sorte de um tempo, construtor de uma história real, lugar de uma história individual e única, imersa na história humana de um tempo marcado por um momento comum.

Corpos que têm tempo e espaço, que se comunicam com outros corpos, que se constroem nessa inter-relação. Lugares de desejos semelhantes e diferentes. Desejos que se encontram e se chocam. Inibidos ou não, são aqueles que nos fazem singulares na comparação com os outros. Afetividades diversas que provocam o pânico, diante do fato de termos o outro como modelo. Fragmentos de pés, pernas, mãos e braços que se enlaçam com o querer, olhos que se perdem da cabeça, ouvidos que deixam de ouvir, corpo-prisão que suporta dores, amores e iras. Pulsões e normas querendo se impor, sem importarem-se com o fato de que ocupam um mesmo *locus*.

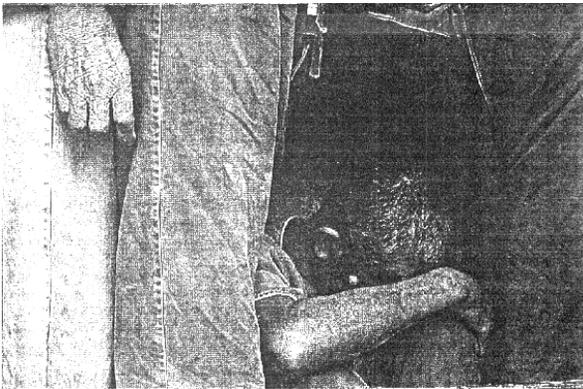
Tempo, espaço, consciente, inconsciente, corpo, *locus*. “Corpo sem forma, órgãos dispersos, partes que não totalizam, esta é a estranha concepção que a psicanálise nos oferece do corpo pulsional. “Corpo” não designa uma unidade, mas uma multiplicidade de lugares, pura dispersão,

lugar do acaso e não da ordem”<sup>50</sup>. Que lugar é este? Que tempo é este? Tempo e espaço que violentam um corpo complexo, de tempos variados, de percepções múltiplas, de olhos perdidos, de partes esquecidas, de imprevisíveis atos de um ser que fala, externando toda essa confusão. Animal político que se agrega, que forma um *corpus* social, mas que deseja destruir seu igual, que o inveja, e que se autodomina, deixando de viver esse desejo. Como fugir desse corpo que, ao mesmo tempo em que permite viver, esfola, seqüestra (o desejo), e obriga a sentir o que não se “deve”? Como não deixar-se violentar pelo tempo e pelo espaço, se ao respirarmos aumentamos a entropia de um universo que se desordena enquanto caminha para a sua própria destruição ?

---

<sup>50</sup> Garcia-Roza, L.A., Pulsão: *Parénklisis ou Clinamen ?*, in As Pulsões, ed. Escuta e Educ-PUC-SP, 1995.

## violência e lei



“Do latim *constringere*, formado por prefixo *con* - companhia, simultaneidade, intensificação - e da raiz *stringere* - “reduzir”, “comprimir”, “restringir”, “podar”, “arrancar”, *constranger* é, então, ser atingido por uma ação cuja intensidade a torna capaz de conduzir o atingido a um fazer no qual lhe fica excluído o poder de escolha.”<sup>51</sup>

O ser humano foi aqui apresentado não somente enquanto um animal que fala, mas enquanto um ser que apresenta um aparelho psíquico complexo, que se forma de acordo com as representações, que faz do mundo externo e das sensações causadas pelo mundo interno que lhe habita. Esse indivíduo sente-se, incontáveis vezes, como um projétil lançado num

---

<sup>51</sup> Bohadana, E. “Psicanálise e Tragédia: A Im-pulsão da Palavra”, in Freud: O Interesse Científico de uma Filosofia Inquieta. Org. Sergio Sklar. Ed. Revinter, 1996.

espaço sem fim, sem sentido, dentro de um tempo indeterminado, onde vê-se cercado de desespero e angústia. Como viver diante do vazio da interrogação? Como aceitar a dúvida enquanto única resposta ?

O homem nasce em estado de desamparo original, num mundo frio que não se prepara para recebê-lo. Esta receptividade agressiva gera nesse bebê um sentimento de horror. Temos aqui um primeiro contato com o pânico. Em condições normais, este ser é acolhido por uma mãe que lhe dará (e lhe tirará) o seio, forçando-o a desenvolver-se em direção a um mundo que o ameaça. A criança dentro da estabilidade do lar, continua a crescer, devendo acalmar-se. Diante de condições adequadas, ela se assujeitará, aceitando regras e normas sociais para então viver em grupo. Dentro de si haverão forças (pulsões) violentas que lutarão com as imposições rigorosas existentes fora dela, mas que precisarão viver em acordo para que ela seja aceita pela sociedade e torne-se um indivíduo. “Assim vemos por toda parte na natureza luta, combate e alternância das vitórias e, a partir daí, reconhecemos mais claramente a desunião da vontade consigo mesma”<sup>52</sup>. “Leis” internas agrirem o outro igual, e conseqüentemente, a paz do grupo. Por isso, os indivíduos devem ser controlados por severas leis externas que o amedrontem. As leis são criadas para acuar o demônio que existe em cada ser humano. Esse ser que estranhamente, por *não ser senhor do seu próprio ego*, possui dentro de si algo de não controlável, algo mau, destrutivo. Um ser que origina-se da guerra e que dela tenta sobreviver, que nasce com fome de amor e caminha para a morte na busca de uma satisfação plena (estado inorgânico).

---

<sup>52</sup> Schopenhauer, A. , O Mundo como Vontade e Representação, ed. Rés.

A natureza do homem é violenta, o mundo que o acolhe é violento, e a saída desta situação se dá através da criação de leis igualmente violentas. Não existe um caminho pré-formado para este corpo pulsional, pois a natureza da pulsão é não ter ordem nenhuma, é um vazio de determinações. Como o próprio Freud diz, as pulsões “são grandiosas em sua indeterminação”. A psicanálise move-se na dimensão da linguagem, e é deste lugar (dos significantes, especificamente) que as pulsões são capturadas e ordenadas. Ainda assim, temos que admitir que a insuficiência dos processos de simbolização se constituem enquanto “condição de desamparo estrutural do sujeito, posicionado entre a pressão contínua da força pulsional e a insuficiência do sistema simbólico, que funda a ética trágica do discurso freudiano (...) Com isso, a concepção da existência de um “mal-estar na civilização” pode se apresentar, de fato e de direito, em toda a sua radicalidade e rudeza, fundada nesse intervalo estrutural constitutivo do sujeito”.<sup>53</sup>

Esta necessidade de ser amado presente no humano é a causa de sua tragédia, visto que o leva a sentir-se fragmentado diante do outro quando não assistido. “Em *Introdução do Narcisismo*, Freud já dizia que escolhemos inicialmente, como objeto de amor, a mulher que nos alimenta e o homem que nos protege. É isto que tememos perder e que faz com que nos submetamos às exigências do outro: a angústia frente à perda de amor.”<sup>54</sup> A psicanálise tenta compreender esse lugar limite entre o assistir e o amar procurado por este homem, buscando unir os pedaços daquele que

---

<sup>53</sup> Birman, Joel. *Sujeito e Estilo em Psicanálise, sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*, in *As Pulsões*, ed., Escuta e Educ - PUC - SP, 1995.

<sup>54</sup> Garcia-Roza, L. A., *O Mal Radical em Freud*, Ed. Zahar, 2ª. edição, 1993.

se coloca diante dela. Quantas vezes a realização desta articulação é perigosa por encontrar-se entre a criança e o louco que está dentro do sujeito ? Lidar com a agressividade, com o impulso à destruição existentes no ser humano é colocar-se frente a um confronto fatal, onde haverão mortos e feridos, e nunca curados. Alguns serão arrastados para os morredouros, outros sobreviverão imersos na arte, enquanto a maioria se refugiará no fundo de suas cavernas, restritos às sombras, longe das luzes, mas protegidos de si.

Como disse Estrella Bohadana, “ a Tragédia é o perpétuo movimento que desliza para o não-comunicável”<sup>55</sup>, e é deste incomunicável que estamos tratando, daquilo que atinge o ser humano, mas que não é traduzido por ele, são experiências-limite que sufocam este homem, que lhe tiram a sanidade, mas que lhe resguardam de um fim. “Prazeres violentos que chegam à alma através do corpo” com “a função de aliviar dores”<sup>56</sup>. Mas de que dores estamos falando ? Quais os vínculos existentes entre o prazer, a violência e a lei ? Como apreender essa tensão, visto que ela não tem solução ? Aqui percebemos o lugar do trágico, no paradoxo existente entre a tensão do humano na busca do prazer absoluto e a impossibilidade do acesso à coisa.

Em *Totem e Tabu*, o assassinato do pai (não importando se este está morto ou não) se estabelece enquanto instituição da lei, juntamente com a instauração do sentimento de culpa. O papel da lei é atribuído aos ideais do eu, começando com a identificação. Leis presentes no aparelho psíquico através dos princípios que lhe regem, o do prazer e o da realidade. Porém, como Kant afirma em *A religião dentro dos limites da simples razão*,

---

<sup>55</sup> Bohadana, E. “Psicanálise e Tragédia: a Im-Pulsão da Palavra”, in Freud: O Interesse Científico de uma Filosofia Inquieta. Org. Sérgio Sklar, Ed. Revinter. 1996.

<sup>56</sup> Platão, filósofo grego nascido em 428 ou 427 - 348 ou 347 a. C.

somente os seres racionais são capazes de fazer representações das leis, modificando-as e usando-as de forma perversa. Mas o que dizer daqueles seres que não aceitam esta linguagem, não se adaptando a um ideal ? Pulsões que se colocam fora do ideal do outro. Pessoas que passam por experiências-limite e que perdem parte de si nestas. Como resgatá-las para o mundo dos “normais” sem violentá-las ? Como permitir a esse sujeito um retorno ? Muitas vezes, esse corpo perdeu a sua sede, o seu lugar de origem, realizando tensos movimentos que dizem muito em seu silêncio. É esse dizer - sem dizer que torna-se movimento e que no seu repetir desvela os anseios não domesticáveis do ser humano. Como Maurice Blanchot lembra, “o que importa não é o dizer, é redizer, e nesta redicção, dizer a cada vez ainda uma primeira vez...”<sup>57</sup>. A Psicanálise situa-se na dimensão trágica quando se dispõe a ouvir essas “lacunas” , diante de uma repetição diferencial, que implica algo novo, diferentemente das leis da natureza e das leis morais.

O mal original do ser humano é colocado por Freud como uma disposição pulsional e autônoma, silenciosa e invisível. Afirmção presente no *Mal estar na civilização* (1930):

“Sob circunstâncias propícias, quando estão ausentes as forças anímicas contrárias que a inibem, [a agressão cruel] se exterioriza também espontaneamente, desmascara os seres humanos como bestas selvagens que nem sequer respeitam os membros de sua própria espécie... Em consequência, o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo.”<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> Blanchot, M. Esquecida Memória. Mimeo.

<sup>58</sup> Freud, S. O Mal Estar na Civilização, Vol. XXI, Obras Completas, Ed. Imago. RJ, 1976.

Essa força não-domesticável (a pulsão de morte) aparece como uma “potência criadora”, produtora de diferenças, princípio disjuntivo que desfaz as formas conservadoras de Eros. O qual tende à unificação, à eliminação das diferenças, e à criação da cultura, a fim de eliminar os desejos do sujeito, conservando neste um crescente sentimento de culpa. A tragédia da qual o homem participa reside no paradoxo entre a angústia frente à perda de amor e os desejos que o fazem sujeito. Sabendo que o bem se estabelece enquanto o bem do outro [moral que nos livra do sentimento de culpa] , é preciso que o sujeito negue o seu desejo para que este bem se realize. De forma que, para que ele seja amado precise abrir mão de muitos de seus desejos.

A luta entre Eros e a pulsão de morte desafia a ética psicanalítica que coloca o sujeito diante de seus desejos e do seu vazio. Como driblar essa natureza violenta que se debate contra esse trágico destino, sem valer-se de interdições e sugestões constrangedoras ? É preciso pensar em uma escuta psicanalítica que, inserida no contexto humano de violência e lei, possa caminhar no sentido de apreender esse mal presente no homem, sem temê-lo ou odiá-lo, visto que ele é natural.

## **Bibliografia**

Aristóteles, *Ética a Nicômaco*. Os Pensadores. Ed. Abril, São Paulo, 1973.

- Bohadana, E. *Psicanálise e Tragédia: a Im-pulsão da Palavra*, in Freud, O Interesse Científico de uma Filosofia Inquieta. Org. Sérgio Sklar, Ed. Revinter, 1996.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. *Dicionário dos Símbolos*. Ed. José Olympio, 6<sup>a</sup>. edição. RJ, 1982.
- Damásio, A. R. O Erro de Descartes, emoção, razão e cérebro humano. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- Ferris, C.F. *A Ira dos Inocentes*, in *The Sciences*, março/abril 1996.
- \_\_\_\_\_ *Política*, Livro 1. Os Pensadores. Ed. Abril, S.P., 1973.
- Freud, S. “Totem e Tabu” (1912) - vol. XIII, Imago Ed., RJ, 1976.
- \_\_\_\_\_ “Além do Princípio de Prazer” (1920) - vol. XVIII, Imago Ed.
- \_\_\_\_\_ “Interpretação dos Sonhos”, vol. IV e V, Imago Ed.
- \_\_\_\_\_ “O Mal estar na Civilização”, vol. XXI, Imago Ed.
- \_\_\_\_\_ “Uma Dificuldade da Psicanálise”, vol. VII, Imago Ed.
- \_\_\_\_\_ “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, vol. XVIII.
- Garcia-Roza, L. A. *Freud e o Inconsciente*. Ed. Jorge Zahar , 11<sup>a</sup>. edição, RJ, 1984.
- \_\_\_\_\_ *O Mal Radical em Freud*. Ed. Jorge Zahar, 2<sup>a</sup>. edição, RJ, 1993.
- \_\_\_\_\_ *Introdução à Metapsicologia Freudiana 1 (sobre as afasias, o projeto de 1895)* , Ed. Jorge Zahar, RJ, 1991.
- \_\_\_\_\_ *Introdução à Metapsicologia Freudiana 3 (artigos da metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente)* , Ed. Jorge Zahar, RJ, 1995.

- Gardiner, P. Schopenhauer. Breviários. Fondo de Cultura Economica, México, 1975.
- Gondar, J. Os Tempos de Freud, Ed. Revinter, RJ, 1995.
- Hacker, P.M.S. Insight and Ilusion. Clarendon Press. Oxford, 1986.
- Hobbes, T. Leviatã, 1651.
- Kant, I. Crítica da Razão Prática, ed. 70, 1986.
- Katz, C. S. *Consenso e Violência na Formação da lei*, entrevista realizada em 15/1/1990, in *Religião e Sociedade*.
- Kirk, G.S. & Raven, J.E. Os Filósofos Pré-Socráticos, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª. edição, Lisboa, 1966.
- Knobloch, F. Ferenczi e “A Clínica do Trauma”.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. Vocabulário da Psicanálise. Ed. Martins Fontes, S.P., 1976.
- Marx, K. Contribuição à Crítica da Economia Política, p.150. Éditions Sociales.
- Mezan, R. Freud: a Trama dos Conceitos. Ed. Perspectiva, 3ª. edição, S.P., 1991.
- Moura, A.H. As Pulsões. Ed. Escuta e Educ - PUC - S.P., 1995.
- Sartre, J. P. Cadernos para uma Moral, p.579. Ed. Gallimard.
- \_\_\_\_\_ O Ser e o Nada, 2ª. parte, cap.1, p.126, Ed. Gallimard.
- \_\_\_\_\_ O Existencialismo e o Humanismo, Ed. Presença, 1970.
- Schopenhauer, A. O Mundo como Vontade e Representação. Ed. Rés.

Stein, M. *De como se “produz” a psicologia do brasileiro*, debate entre  
Chaim Samuel Katz e Joel Birman, Revista Terra Firme.

Winnicott, D.W., *Privação e Delinquência*. Ed. Martins Fontes, S.P., 1995.

Wittgenstein, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*, Routledge & Kegan Paul,  
New York. The London, Humanities Press, 1963.

\_\_\_\_\_ *Carnets 1914-1916*. Ed. Gallimard, 1971.

\_\_\_\_\_ *Investigações. Os Pensadores*. Ed. Abril.

Fotos retiradas de trabalho fotográfico relativo ao projeto Juliano Moreira,  
R.J, 1984, coordenado por Hugo Denizart, psicanalista e fotógrafo.

Trabalho referente aos módulos cursados no primeiro semestre de 1996:

**Módulo de Teoria Psicanalítica:**

1. A Construção do Psíquico em Freud I

coordenação: Ivana Dzácula

2. Tópicos de Psicanálise

coordenação: Daniel Kupermann

3. Os Textos Culturais de Freud I

coordenação: Alúcio Pereira de Menezes

4. A Experiência de Artaud e a sua Questão Clínica

coordenação: Alúcio Pereira de Menezes

**Clínica e Pesquisa em Psicanálise**

5. A Criança na Psicanálise

coordenação: Clara Akiko Kishida & Graça Menezes